

O projeto Cinedebate em Gerontologia tem como finalidade trabalhar a integração social de pessoas com mais de cinquenta anos através da discussão de filmes como meio motivador, abordando experiências de vida dos participantes.

Proposta de um cinedebate em Gerontologia a partir de Morin

*Eloá Caliari Vahl, Ms**

*Mônica Joesting Siedler, Esp.**

* Integrantes da equipe do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, NETI/PRECE/UFSC, e-mail: mojoesi@yahoo.com.br

Encontros Teológicos nº 34
Ano 18 / número 1 / 2003



“É preciso partir da idéia de que um filme nos desvenda condutas humanas. As imagens não são idéias, um cineasta não manipula conceitos, mas sim blocos de sensações” (GUIGUE apud. MORIN, 2002. pág. 328)

O cinema é, fundamentalmente, imagem e a imagem é percebida diferentemente pelas pessoas às quais é dirigida. O cinema como bloco de sensações tem uma intenção, mas nem sempre esta fica clara para todos. Dependendo das vivências, contextos, textos, valores, é percebido por cada um conforme suas experiências.

Baseado nesse pressuposto, o projeto Cinedebate em Gerontologia tem como finalidade trabalhar a integração social de pessoas com mais de cinquenta anos através da discussão de filmes como meio motivador, abordando experiências de vida dos participantes.

“O cinedebate é extremamente interessante, onde cada aluno faz sua análise do filme e, como cada pessoa é diferente, as apreciações também o são”. (Helena**)

Os encontros são semanais e, na discussão posterior à projeção, percebe-se como os valores do filme podem vir a integrar-se na experiência de vida de cada participante.

Como afirma GUIGE apud MORIN (2002), o cinema pode ser aprendido como experiência de vida, marcando profundamente nossa existência: “ele põe em jogo nossa própria existência e aquilo que somos”. (p. 324)

Também considera-se que o cinema pode restituir experiência comportamental, fato este que uma participante expressa na seguinte frase: “O Cinedebate trouxe, àqueles que participaram, muito mais do que suas expectativas. Através dos filmes cuidadosamente escolhidos, dos comentários e dos estudos complementares, estamos vivendo, além da “arte”, experiências de vivências psico-sociológicas. Rompem-se preconceitos, eliminam-se xenofobias, trazem-se à consciência traumas e problemas pessoais com naturalidade pela transferência ao personagem discutido, e assim sanam-se dores de corpo e alma. Filmes são fantasias e realidades e nessa mescla de fatores, todos os participantes estão ganhando em conhecimentos e experiências (Amália**).

** Depoimentos dos participantes do Projeto Cinedebate em Gerontologia, turma 2002, NETI/PRCE/UFSC.



O depoimento da aluna encontra respaldo nas seguintes palavras: “Meu próprio mundo é percebido como outro mundo, e um outro mundo é percebido como sendo o meu. Nos dois casos, o cinema me revela que pertencço a um mundo comum, à comunidade humana, portanto. É nesse sentido que se pode falar de experiência humana”. (GUIGUE apud MORIN, 2002, p. 328)

CAVALCANTI, in ROCHA et al. (1998) considera que “o indivíduo é a um só tempo tecelão e usuário de sua roupagem social. O filme é especialmente feliz ao mostrar essa extraordinária relação, onde toda identidade é ao mesmo tempo atribuída e construída. Todo sentido, para ser pleno, precisa ser vivenciado intelectual e emocionalmente. (pág. 60)

*“O Projeto tem sido muito estimulante nas discussões sobre o cotidiano dos participantes, e sobre os sonhos e vivências das condutas humanas. A particularização das sensações aflora com bastante freqüência, oportunizando reflexos importantes”. (Amália **)*

MORIN (1984) nos diz que o cinema do qual falamos não implica identificação nem tampouco imersão na imagem, mas sobretudo uma abertura para o universal, que revela a particularidade de cada um.

Ao utilizar-se o cinema para desenvolver o espírito crítico e facilitar o relacionamento entre as pessoas, entra-se em sintonia com o mesmo autor que diz “o cinema é o reflexo de todas as multiplicidades humanas, e este espelho da humanidade é a invenção integral, é um fenômeno humano total”.

Os filmes projetados são de várias nacionalidades, mostram culturas diferentes, mas tocam profundamente porque possibilitam que os participantes descubram em si os sentimentos que são expressos na tela. De fato, ao desvendarem condutas humanas, estimulam discussões sobre o cotidiano dos participantes, seus sonhos e vivências pessoais.

No Cinedebate em Gerontologia, os temas contemplados abordam questões de envelhecimento, mudanças, relacionamentos, perdas e ganhos. A propósito, MORIN (1984) enfatiza que “a antropologia-sociologia do cinema postula efetivamente três grandes quadros de referências que as ciências humanas ainda não viram bem: a vida cotidiana, o século XX, o devir do homem.

“A vida cotidiana é esse desconhecido de que falamos”, diz o autor, quando explica o desconhecimento que continuamos tendo da vida cotidiana “enquanto traduz a presença inesperada da magia nos nossos gestos, nos nossos atos, nos nossos sonhos, nos bibelôs que nos rodeiam, nos nossos ritos inconscientes, na nossa cólera, nos nossos amores, nas nossas fidelidades”. (1984, p. 308)



É de quotidiano, amores, ritos, sonhos, que é feito o cinema, o qual “exprime à sua maneira a crise do mundo contemporâneo, e faz-nos refletir sobre ela. A sua universalidade põe-se e manifesta-se num mundo em gestação de um homem universal, onde ainda ninguém sabe quais serão os partos ou os abortos do amanhã”. (p. 309)

Ademais, o cinema é “... o *reflexo* de uma sociedade que o produziu, o reflexo dos sonhos coletivos anteriores a ela própria. É também a sua novidade, e é um ganho quando nos apercebemos de que todos os problemas que levanta já dormitavam nas outras artes, na alma humana, na vida social.

Nesse caso, que pode procurar-se no cinema? Uma vez que a especificidade do cinema se dissolve em reflexo? Por que motivo largar a presa humana pelo reflexo? Uma vez que a profundidade do cinema não é mais do que a profundidade da psique ou do corpo social, por que não ir às raízes? Uma vez que a novidade do cinema se reabsorve na eterna novidade dos velhos problemas, por que não voltar a estes?” (MORIN, p. 307)

“O cinema é ao mesmo tempo tão vasto e tão estreito que ainda não conseguiu definir a sua verdadeira natureza”. (MORIN, 1984, p. 303)

Existem várias maneiras de compreender o outro ou suas intenções: uma das formas é reestruturar ou acrescentar o pensamento; outra, é simplesmente refutá-lo, reduzindo o outro a uma imagem fixa, não contextualizada, pois “a compreensão introduz a dimensão subjetiva no conhecimento e na explicação”. (PENA-VEJA, et al., 2001, p. 126)

Os filmes não têm a mesma proposta de profundidade, de discussão, como afirma Umberto Eco: “um texto pode ser visto como uma *pizza*, plano, com recheio por cima, seu significado estando na superfície; ou pode ser visto como uma *torta*, tendo várias camadas, com vários recheios, ou seja, com vários níveis de significado” (MARCONDES in ROCHA, 1998, p. 19).

Essas diferenças podem ser porque “a característica do cinema é apresentar uma subjetividade (sonhos, mitos) objetivada, uma objetividade (os cenários, a natureza, os seres) subjetivada. O homem produz-se pelos seus utensílios, os seus sonhos, as suas participações”. (MORIN, 1984, p. 310)

O cinema, segundo o autor, tem sido considerado pela sociologia em aspectos fragmentários: como meio de comunicação e como lazer, em análises de audiências ou de conteúdos de filmes. “Raramente o cinema foi considerado como uma



instituição sociocultural, e até este termo limita a amplitude dos problemas levantados. Todas estas disciplinas cortam o cinema em fatias, Não admira, pois já dividiram o homem em fatias. De resto, estas fatias são fatias do no man's land. Os estudos são dispersos, ocasionais, atomísticos” (1984, p. 306).

O mundo é visto de forma mais humana através do cinema, pois temos “necessidade vital de compreensão ligada à necessidade, também vital, de religião, da comunicação, que nos liga uns aos outros”. (GUIGUE apud MORIN, 2002, p. 132)

A televisão busca o momento, e o cinema busca a permanência. Por isso, “as investigações indicam claramente que o filme, apesar das particularidades nacionais, étnicas e sociais, quer dos seus públicos, quer dos seus produtores, tem uma universalidade potencial. E a necessidade de cinema, embora mais intensa nos adolescentes, se faz sentir praticamente com a mesma força sejam quais forem o sexo, as classes sociais, os climas, e as causas geográficas e econômicas...”

Concluindo, “o cinema é para nós uma experiência de vida, inicialmente devido à sua capacidade de mostrar, de fazer-nos ver as condutas humanas como algo que se situa no cruzamento do corpo com a alma. Um comportamento forma um todo que não pode ser decomposto em termos do que é *material* e do que é *espiritual*.” (GUIGUE apud MORIN, pág 329)

Bibliografia

GUIGUE, Arnaud. “*Cinema e experiência de vida*”, in: MORIN, Edgar, **A religião dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertraud Brasil. 2002 pp.324/330.

JABLKONESKI, Renée Lidia. LEINI, Miguel B. “*Cine para la participacion - Un programa de educacion para el desarrollo de la personas de idade*”, in: **Gerontologia Mundial**, ano 3 nº 4, julio-agosto de 1999, p.70 a 75.

MORIN, Edgar. **Sociologia. A sociologia do microsocial ao macroplanetário**. Portugal. Publicações Europa. América LTDA. 1984 pp.30-317.

PENA-VEJA, ALMEIDA E PETRAGLIA (Orgs.). **Edgar Morin: Ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROCHA, E. (org.). **Cultura & imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de idéias**. Rio de Janeiro: Mariad, 1998.